

Pedro Henríquez

Esse Fílo...

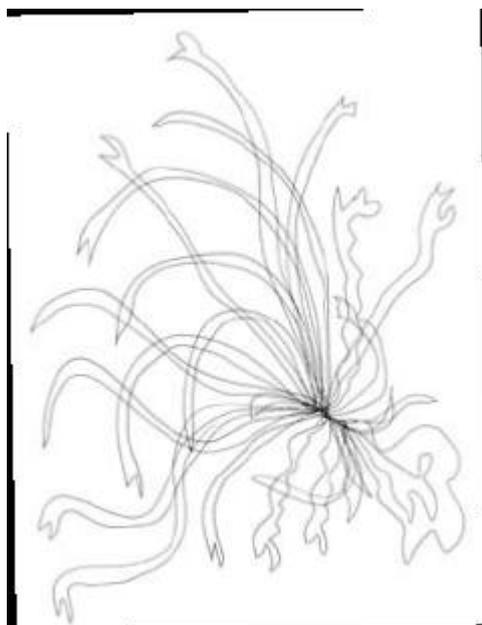
coletânea de poemas

traduzidos por Arsénio Mota

para

119º Jantar de Amizade UNICEPE

Porto, 7 de dezembro de 2011



Esse fio, amor, esse fio

(Navidad en el Hudson)

F. G. Lorca

Vigilante de névoa

Nada acontece,
tudo igual
e diferente,
absurda esta noite
canibal de vento.

Uma sombra passa fugaz sob a chuva.

Ninguém se detém:
serpentina de água assobiando
o seu adeus perpétuo,
círculos feridos os guarda-chuvas,
teias de aranha que esmagam
a gota última numa lágrima de seda.

Um morcego esconde
sua inocência no portal do silêncio.

Mas que importam
as estrelas desfeitas que imploram
um fio de luz para se manterem
no cristal infinito,
da papoila enterrada
sob a passagem das formigas
ou o mocho cego
que procura um pincel aceso
no centro rasgado da escarcha.

Nada,
ninguém...
apenas sumidouros cor de areia,
um copo cheio de clorofórmio,
dardos efémeros de pétalas,
aquele perfume despido que fugiu sem viver,
ruas sem destino
varadas na história dos sonâmbulos.

Mas a recordação sobrevive
como cinza da paisagem
que as nuvens inventam nos dias de fúria.

Chorar é um exercício de solidão
e o amor sujeita a vida
com o latir de um engano,
talvez uma verdade necessária para

crer que o tempo pode virar
até o seu início.

Agora a música acobarda a parede
e o filtro mágico da idade perdida
espeta lentamente um segundo borboleta
nas fotografias.

Só existem os gestos diários,
o caminho que atravessa
pensativa uma lagartixa,
o semáforo que assombra
as asas de um insecto.

A mentira vigia
sob a redondez solitária
do fumo,
descalça pelas almofadas.

Amanhã tudo será um diálogo
da imaginação,
uma lâmpada acesa
no mistério da névoa.

Volto a fechar a porta.
Nada,
ninguém.

Só a tatuagem
da pena
e o vidro envenenado
do tinteiro.

(De *Vigilante de niebla*)

O eco dos pássaros

Debaixo da sombra fera das cornijas
(talvez a luz rasgou um dia o branco
dos ladrilhos moribundos)
como dizer as palavras sem te nomear
as mãos acelerando a vida
as rodas detendo-se nas praças vazias
outros viajam velozes e atravessam anónimos o olvido
mas somos dois precipitados sobre o asfalto
sentindo como o tempo nos engana
lento o vento cortando os corpos
só uma mão conduz a morte e a vida
a outra busca o fogo
giro no vazio e de novo a mesma rua
os lábios não enganam
afunda com tua mão no futuro
esta é a inveja do segundo
perdi o costume
amanhã voltarei a este lugar de janelas fechadas
é a noite a habitar-nos
são os pássaros logo cantarão a madrugada
amanhã agita-se no eco
minhas costas esburacadas assim tão próximos
d direcção proibida
um mistério os dois pontos na pele
dois corpos e um sinal
estou suspenso sobre o vazio
a língua gira descobre-se sem palavras
estas são as tesouras da recordação
às vezes não basta a memória
tão pouco a certeza
ninguém conhece não conheço não conheces
eles não compreendem ninguém o segundo perseguido
apagam-se as luzes as janelas as portas desconhecidas
imagina-me um gesto remotíssimo
de novo atravesso as paredes seladas
as árvores descobrem-me a solidão.
Começa o ciclo do pólen
mascarilhas para o silêncio

(De *El eco de los pájaros*)

De costas para a festa

Vim com palavras nas mãos,
como um menino que se amamenta,
como uma rapariga que recebe a primeira carícia.

Ninguém me chamou,
nem o meu nome aparecia na lista de convidados,
uma breve lembrança, um íntimo pensamento,
um gesto talvez num dos assistentes
bastou para esta presença
que é um inconveniente.

Todos falam em voz baixa e me observam,
desejosos de que desapareça.

Sou estranho entre os que um dia ríamos
e bebíamos juntos
decerto cúmplices na mesma aventura
– que palavras tão escorregadias! –

Hoje cheguei como um suspiro
como um sopro,
como o próprio sangue sempre presente,
tão doloroso quando escorre da pele aberta da ferida.

E aqui estou, indiferente,
tal como um firmamento ocupando
todo o espaço da atenção,
deuses pequenos observando-me.

Não, não é a música, os copos, as promessas,
as falsas elegâncias, o que me atraiu.

Só um pensamento: dói a vida sem esperança,
segue a roda sem cansaço.

Trago um sonho e alguém me espera,
fitando o céu,
de costas para a festa.

(De *Ciudad en obras*)

[Sem título]

Dentro da neblina dos bares
emboscada
 interminável
talvez descubra uma linha da mão do futuro
ou o indefinido jogo que pressagiam
as ruas marcadas.

Como um sinal de sobrevivência
as cabinas sucedem-se
 com um assombro de tempo sem diálogo.

Volto ao portal
 húmida transparência
e esqueço que a cidade
é uma carta anónima
onde nunca é história
a marca de água nos passeios.

(De *Historias de arena*)

Cianeto o poema

Ruas furtadas
imagens solitárias.
Não é a vida
mas assim é a vida
Entardece
luz inconquistável a melancolia.
Pede um desejo.
Apenas se morre duas vezes.
Cianeto o poema.

(De *Sueños en el laberinto*)

A palavra

Quando a luz da distância não tem léxico para o esquecimento, quando se crivam os sonhos dos símbolos ociosos, quando se dorme com um fulgor de espera na latrina de nuvens obscuras.

Solidão de sabres no fumo dos lábios, doçura amarga de palavra escondida, escada de sorrisos quando não há saída e o mundo gira sobre o sal de uma lágrima sentinela.

Quando a pele é alma e dói uma espinha de ternura, quando a noite é silêncio que devora os segundos de um mistério irresolúvel, quando na alba dói ser homem e mirar-se é atravessar a distância do medo.

Quando o espaço se engrandece com o impulso do eu livre, quando se fita o horizonte manchado com a miséria urbana das bocas pequenas, quando se inunda o espírito com um vento irmão e se convive com o impulso da alegria.

Quando naufraga a fronte nos beijos, quando se quebra a distância das mãos numa batalha de línguas enlaçadas, quando se funde a vida inteira nos subúrbios onde sonham os não nascidos.

Então a poesia.

(De Sueños en el laberinto)

Génese

Dei nome à manhã
quando as sombras ainda invadem
de melancolia os beirais,
um manto de mistério
envolvendo a rosa dos ventos.
Dei nome à origem da alba
quando um lago primigénio
cruza os bosques infinitos,
um oceano dormente de luz
abrindo feridas na areia.
Dei nome a todas as coisas
como um menino quando cresce
e estende as mãos nuas
para lá do limite do olhar,
inocência primeira do arredor.
Articulei palavras que nunca
meus lábios antes pronunciaram
e aprendi a linguagem da distância:
pássaro, rio, vento...
E percebi que tudo era bom.
Foi então o segundo instável
um sonho nocturno alheio ao silêncio,
disse o teu nome,
amor,
e criaram-se o riso e o pranto,
a vida e a morte,
a alegria e o esquecimento,
o céu e o inferno.

(De *Liturgia del olvido*)

Viagem

O sol esconde-se.
Estou preparado.
As mensagens são o fogo.
A noite ainda resiste.
O anjo é o segredo.
As cores quebram o azul.
Os pássaros anunciam a passagem do vento.
A poesia orienta-se para o mistério.
A viagem é o caminho.*
Escreveu Machado e amanhece.

De *Liturgia del olvido*)

* Citando o poeta Antonio Machado: «Caminante, se hace el camino al andar». (*N. do T.*)

O hábito da espera

É assim o hábito da espera:
despes as tuas espaldas
enquanto a chuva
arrasta violetas
nas tuas faces.

A água constrói
então
a palavra
antes da sua origem.

De Liturgia del olvido)

Liturgia do esquecimento

É esta a liturgia do esquecimento,
uma espinha de aço e silêncio
cravada no limbo do Empire State,
um sopro órfão de cegonhas,
um altar de nuvens sem estrelas.
Não existe a oração de um templo negro,
a escada 103 para o incêndio do pranto,
um barco de asas
para o descanso das gaivotas.
São outras as pequenas coisas ameaçando,
incandescências de Rolex pela Quinta Avenida
onde o tempo é martelo de mãos sem uso,
cadeias sem dono nos olhares órfãos,
passeantes cegos de um luxo inservível,
cidade partida no tambor dos dedos
quando o papel higiênico
é moeda enegrecida.
É outra a força da cidade que não dorme,
chuva de pensamentos em cordas de pupilas,
oração de alegria – amada distante –
quando o frio ronroneia
com os gatos das janelas,
lutos de vidraça deserta,
quando sulcam as pontes incandescentes
de faróis sem palavras,
um mundo reflectido:
a altura perdida dos olhares.

De Liturgia del olvido)

Açucena

Com a solidão vens, açucena...

- Não..., venho com a Primavera.

A tristeza te acompanha, açucena...

- Não..., a brancura me rodeia

De noite chegas, açucena...

- Não..., do sol estou cheia.

Lágrimas derramas, açucena...

- Não..., é rocio de estrelas.

Olha o mundo, açucena...

- Ai..., agora sinto a pena!

(De *Extremo a extremo del silencio*)



Pedro Henríquez (Granada, Espanha), da Academia de Buenas Letras de Granada, publicou, entre outros, os seguintes livros e poemários:

Extremo a Extremo del Silencio (Diputación de Granada, 1º prêmio Villa de Peligros); *Historias de arena* (Diputación de Granada, Genil de Literatura); *Vigilante de Niebla* (Ed. Comares, Granada); *Poetas en el aula* (Consejería de Educación y Ciencia, Junta de Andalucía); *Pedro Henríquez, Las lecturas poéticas* (Centro Cultural Generación del 27, Málaga); *Los áridos pasos* (Ayuntamiento de Montilla); *Sueños en el laberinto* (Bajulance. Vários autores, prêmio Mario López); *El eco delos pájaros* (Ed. Pen Press, Nova Iorque); *Las manos en su vuelo – Antología* (Cuadernos de Caridemo, Almería), *L'eco degli uccelli* (Quaderni della valle, Itália, tradução de Emilio Coco), *Zaguán* (Ed. Aries, Junin, Buenos Aires, 1º prêmio III concurso internacional de Poesia-ICI) e *Ciudad en obras* (Ed. Alhulia-Academia de Buenas Letras de Granada, Espanha). Outros livros publicados, em colaboração: *Guía de Bibliotecas de la ciudad de Granada* (Granada, 1ª e 2ª edição); *Guía de Archivos Históricos de la ciudad de Granada* (Granada); *Mapa cultural de la ciudad de Granada* (Granada, 1ª e 2ª edição); *Miguel Ruiz del Castillo. Una vida diferente* (Granada) e *Desde la otra orilla. Poetas de Rosario* (Ayuntamiento de Granada). Em resumo, foi incluído na antologia *Una hoja de otoño en el parabrisas* (Madrid, Huerga y Fierro editores), *Granada en Cuento* Ed. Dauro, Granada), *Cuentos del Cabo de Gata* (Ed. la Amoladera, Almería) e na antologia *Premios Literarios Constanti 2002* (Tarragona). Sua obra foi distinguida com vários prêmios em Espanha e Argentina. Poemas de sua autoria têm aparecido em antologias em Espanha, México, Argentina e Colômbia, e também em revistas literárias de Espanha, Estados Unidos, Argentina, México, Jerusalém, Portugal e Colômbia. Assim, tem poemas vertidos para português, francês, hebreu, inglês e italiano. Conselheiro da Aula “Antonio Machado” de Buenos Aires, Argentina. Director de “Ficciones-Revista de Letras”. Editor de livros.